

O confronto de Lula e Alckmin nas eleições presidenciais do Brasil em 2006: a visão do *New York Times*

Maria Inez Mateus Dota¹

Resumo

Este trabalho objetiva mostrar como o jornal *The New York Times*, em sua versão *on-line*, apresenta o confronto entre os dois principais candidatos à presidência do Brasil, no primeiro e segundo turnos das eleições de 2006. Focalizam-se as estratégias discursivas empregadas pelo jornal para apontar suas diferenças (e semelhanças), as temáticas trazidas à tona para contrapor (ou aproximar) os dois candidatos e os conseqüentes recursos lingüísticos utilizados no direcionamento dado. Fundamenta-se nos Estudos do Jornalismo desenvolvidos por Sousa (2003, 2004 e 2006) e nas ferramentas de análise oferecidas pela Análise do Discurso, principalmente os estudos de Bell (1991), Fairclough (1995 e 2001), Fowler (1991), Maingueneau (2001) e Charaudeau (2006), para os quais linguagem e ideologia não se desvinculam. Considerando-se que o confronto entre os dois candidatos foi um dos enquadramentos adotados pelo jornal, várias temáticas foram exploradas nesse direcionamento, tais como posições políticas dos candidatos, seus estilos pessoais, acusações, divisão de classes, escândalos de corrupção, debates e dados das pesquisas. A partir das temáticas levantadas, discutem-se as estratégias discursivas utilizadas em cada uma delas para construir determinados sentidos, tais como as escolhas lexicais, a ironia, a metáfora, os pontos destacados ou minimizados e as vozes introduzidas nas notícias. Verifica-se que a maioria das temáticas, utilizadas pelo *New York Times* para construir o contraponto entre os dois candidatos, enfatiza negativamente aspectos relacionados a Lula e não dá a mesma visibilidade para pontos que poderiam ser desfavoráveis para Alckmin.

Palavras chave: jornalismo; linguagem; política; análise do discurso

Introdução

A informação que se tem sobre os acontecimentos políticos de um país, em sua grande maioria, se obtém por meio dos sentidos construídos pela mídia – sentidos que trazem em sua constituição visões de mundo, crenças e valores daqueles que os produzem.

Nessa linha, este trabalho objetiva discutir como o jornal *The New York Times*, em sua versão *on-line*, apresenta o confronto entre os dois principais candidatos à presidência do Brasil, no primeiro e segundo turnos das eleições de 2006. Insere-se numa pesquisa mais ampla que buscou mapear a cobertura do referido jornal no que diz respeito às eleições presidenciais, no primeiro turno (Dota. 2007a), no segundo turno (Dota. 2007b) e no período entre o segundo turno e a posse de Luiz Inácio Lula da Silva em 1º. de janeiro de 2007.

No presente artigo focaliza-se apenas a maneira como o confronto entre os candidatos Lula e Alckmin é delineado pelo *New York Times*, ou seja, as estratégias discursivas empregadas pelo jornal para apontar suas diferenças (e semelhanças), as temáticas trazidas à tona para contrapor (ou aproximar) os dois candidatos e os conseqüentes recursos lingüísticos utilizados no direcionamento dado. Isto porque “os temas, os subtemas e a forma como são abordados definem os enquadramentos dos discursos” (Sousa. 2004: 66).

Fundamenta-se nos Estudos do Jornalismo desenvolvidos por Sousa (2003, 2004 e 2006) e nas ferramentas de análise oferecidas pela Análise do Discurso, principalmente os estudos de Bell (1991), Fairclough (1995 e 2001), Fowler (1991), Maingueneau (2001) e Charaudeau (2006), para os quais linguagem e ideologia não se desvinculam. “A linguagem não é neutra, mas um mediador altamente construtivo” (Fowler. 1991: 1).

Considerando-se que o confronto entre os dois candidatos foi um dos enquadramentos adotados pelo jornal, várias temáticas foram exploradas nesse direcionamento, tais como posições políticas dos candidatos, seus estilos pessoais, acusações, divisão de classes, escândalos de corrupção, debates e dados das pesquisas. A partir das temáticas levantadas, discutem-se as estratégias discursivas utilizadas em cada uma delas para construir determinados sentidos, uma vez que “toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza: a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra” (Charaudeau. 2006:38).

O *corpus* foi selecionado a partir de uma verificação diária desse periódico *on-line*, com base no sistema de busca utilizando-se a palavra *Brazil*. Foram selecionadas apenas as notícias que cobriram as eleições presidenciais de 2006 – totalizando 62 matérias - e,

especificamente, o foco desta pesquisa foram os candidatos Lula e Alckmin. Na sequência exemplifica-se e analisa-se cada uma das temáticas abordadas.

Posição política dos candidatos

Luiz Inácio Lula da Silva é apresentado ora como candidato de esquerda (*Brazil's first elected leftist president* – referindo-se à eleição de 2002, em notícia de 26/10/2006), ora como aquele que, quando se tornou presidente, moveu-se para o centro (*Analysts say Silva, a former leftist union leader, has moved to the center as president*, em outra matéria de 26/10/2006).

Alckmin, por sua vez, é mostrado como o conservador ex-governador de São Paulo (*conservative former Sao Paulo Gov.*, em 3/10/2006), também centrista e a favor dos empresários (*a pro-business centrist*, em 26/10/2006). Todavia, o *New York Times* insiste, em quatro matérias, que suas idéias e plataformas políticas são semelhantes, e até mesmo suas campanhas e suas incoerentes alianças políticas são similares, conforme se observa nos trechos abaixo:

The differences are not so much of ideas – both parties have been fighting for the same space left of center since Mr. da Silva tacked toward the center in order to win in 2002 – but of personality and political style. (As diferenças não são tanto de idéias – ambos os partidos têm lutado pelo mesmo espaço à esquerda do centro desde que o sr. da Silva rumou em direção ao centro para vencer em 2002 – mas de personalidade e estilo. – 3/10/2006).

Unlike several other elections in Latin America this year, Brazil's offered no widely differing political visions. Both Lula and Alckmin campaigned on similar platforms, pledging to adhere to orthodox economic policies and reduce poverty. (Ao contrário de outras eleições na América Latina neste ano, a do Brasil não ofereceu visões políticas com grande diferença. Ambos Lula e Alckmin fizeram campanha com plataformas semelhantes, prometendo aderir a políticas econômicas ortodoxas para reduzir a pobreza. – 2/10/2006).

The campaigning featured relatively little in the way of conventional rallies and marches. Instead, both Mr. da Silva and Mr. Alckmin focused their efforts on the news media and on forming alliances, some of them ideologically illogical.... This week, for example, Mr. da Silva campaigned alongside the scion of one of the conservative family dynasties that he always blames for the poverty and backwardness of his native Northeast region. Mr. Alckmin, whose party is center-left, was pilloried for allying himself with the populist former governor of Rio de Janeiro state, nominally a leftist like Mr. da Silva but one of the president's main rivals. (A campanha se diferenciou relativamente pouco na forma dos comícios e caminhadas convencionais. Ao invés disso, tanto o sr. da Silva como o sr. Alckmin concentraram seus esforços em notícias da mídia e em formar alianças, algumas delas ideologicamente ilógicas.... Nesta semana, por exemplo, o sr. da Silva fez campanha ao lado do descendente de uma das dinastias de famílias conservadoras que ele sempre culpa pela pobreza e atraso de sua região natal no Nordeste. O sr. Alckmin, cujo partido é de centro-esquerda, foi exposto ao ridículo por se aliar com o populista ex-governador do estado do Rio de Janeiro, sabidamente um esquerdista como o sr. da Silva, mas um dos principais rivais do presidente. – 29/10/2006).

Diferenças pessoais e de estilo

O *New York Times* comenta o estilo dos candidatos em matérias publicadas principalmente no período do segundo turno das eleições. Apresenta Luiz Inácio Lula da Silva como aquele que utiliza metáforas do futebol e que se aproxima da equipe brasileira mundialmente conhecida, no intuito de colher dividendos políticos. Embora tal prática traga vantagens eleitorais para Lula, a explicitação dessa estratégia do candidato presidente pelo jornal não contribui para a sua qualificação política, conforme se observa abaixo:

With the knockout round in soccer's World Cup under way and an election looming, President Luiz Inacio Lula da Silva has found the perfect way to combine his two main passions: when the opposition complains about incompetence and corruption in his government, he responds by linking himself to Brazil's wildly popular and successful national team.

"As in soccer, we are not going to cry about the goals we didn't score yesterday," Mr. da Silva said.... "What we're going to do is think about the goals we're going to score." (Com a rodada de sucesso na Copa do Mundo de futebol em curso e uma eleição em pauta, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva encontrou a maneira perfeita de combinar suas duas principais paixões: quando a oposição reclama sobre a incompetência e a corrupção em seu governo, ele responde vinculando-se ao freneticamente popular e bem sucedido time nacional.

"Como no futebol, nós não vamos chorar os gols que não marcamos ontem," o sr. da Silva disse.... "O que nós vamos fazer é pensar sobre os gols que vamos marcar." – 27/6/2006).

Os estilos de cada um dos candidatos são mostrados como diametralmente opostos, com perda para Alckmin que não consegue cativar o eleitorado. De um lado Lula, o carismático e incendiário ex-líder sindical que veio das massas e prometeu eliminar a corrupção no seu primeiro mandato, e de outro Alckmin, o calmo, engomado e insípido tecnocrata:

The party had hoped that Alckmin, who had high approval ratings as governor of Sao Paulo state, would lead it back into the presidential palace this year. But Lula's folksy charisma has dwarfed Alckmin's bland political style, leaving many in the PSDB looking to the next election. (O partido esperava que Alckmin, que tinha altas taxas de aprovação como governador do estado de São Paulo, levá-lo-ia de volta ao palácio presidencial neste ano. Mas o carisma espontâneo de Lula tolheu o estilo político inosso de Alckmin, deixando muitos no PSDB aguardando a próxima eleição. – 19/9/2006).

A balding anesthesiologist widely known for sleep-inducing campaign speeches, Alckmin lacks the passion Silva has brought to the job. Nicknamed "chuchu" – after a flavorless green vegetable – he is strong in Brazil's industrialized south, but has relatively little support among the poor and working classes. (Um anestesista careca amplamente conhecido por seus discursos de campanha que dão sono, Alckmin não tem a paixão que Silva trouxe para o cargo. Apelidado de "chuchu" – por causa de um vegetal verde sem sabor – ele é forte no industrializado sul do Brasil, mas tem relativamente pouco apoio dentre os pobres e a classe trabalhadora.- 2/10/2006)

Alckmin, 53, is betting his reputation as a cool, if slightly stiff, technocrat will play nicely against the sometimes impetuous Silva – a firebrand labor leader elected four

years ago on promises to clean endemic corruption. (Alckmin, 53, que está apostando sua reputação como um calmo tecnocrata, talvez levemente engomado, terá bom desempenho contra o às vezes impetuoso Silva – um incendiário líder sindical eleito há quatro anos atrás com promessas de limpar a corrupção endêmica. – 2/10/2006)

Esse confronto entre os dois candidatos é ratificado por um analista político, trazido para uma das matérias para corroborar a caracterização de cada um feita pelo periódico:

“Alckmin is a bit of the dandy, the guy who dresses right and talks right and uses a technical terminology that is not the language of the people,” said Rubens Figueiredo, a political analyst and consultant in Sao Paulo.

“Lula talks about putting food on the table and is armor-plated because he comes from the masses,” he said. “The average voter thinks corruption is a part of every government and that at least Lula has done something for the poor.” (Alckmin é um tanto almofadinha, o cara que se veste e fala corretamente e usa uma terminologia técnica que não é a linguagem do povo,” disse Rubens Figueiredo, um analista político e consultor em São Paulo.

“Lula fala sobre colocar comida na mesa e é blindado [contra as acusações de corrupção] porque ele vem das massas,” ele disse. “O eleitor médio pensa que a corrupção é parte de todo governo e que pelo menos Lula fez alguma coisa pelos pobres.” – 22/10/2006).

Acusações

A oposição entre os dois candidatos se dá, principalmente, pelas acusações que fazem um ao outro, trazidas à tona pelo *New York Times* com o objetivo de confrontá-los. Alckmin faz acusações a Lula sobre os escândalos de corrupção que foram levantados em relação a membros de seu partido – o Partido dos Trabalhadores:

Mr Alckmin knows that, and has already begun hammering away at Mr. da Silva and his entourage, saying his own victory would mean “ethics defeating corruption.” In an interview published Monday, he also insinuated that a cover-up was under way to protect Mr. da Silva and others close to him until after the election. (O sr. Alckmin sabe disso, e já começou a malhar o sr. da Silva e sua comitiva, dizendo que sua própria vitória significaria “a ética vencendo a corrupção.” Numa entrevista publicada segunda-feira, ele também insinuou que um acobertamento [dos escândalos de corrupção] estava em andamento para proteger o sr. da Silva e outros próximos a ele até depois da eleição. – 3/10/2006).

He directly challenged the president’s account of the scandal, pointing out contradictions and inconsistencies, stressing the president’s close ties to those involved in the scandal and casting doubt on Mr. da Silva’s assertions that all the illegal activity went on behind his back. (Ele [Alckmin] abertamente desafiou o relato do presidente sobre o escândalo, apontando contradições e inconsistências, destacando as ligações próximas do presidente com aqueles envolvidos no escândalo e lançando dúvida sobre as afirmações do presidente de que toda a atividade ilegal aconteceu sem ele saber. – 22/10/2006).

Lula acusa Alckmin de fazer uma campanha de um só ponto – o ataque à corrupção, sem a apresentação de propostas – e de, se eleito, realizar privatizações de estatais e eliminar programas sociais:

But despite the recent developments, Mr. da Silva has seized the advantage by accusing his opponent of running a “one-note campaign” that focuses on the corruption allegations and fails to offer “positive proposals for Brazil.” He also accuses Mr. Alckmin of planning to privatize state-owned companies and eliminate social programs, both of which Mr. Alckmin has repeatedly and heatedly denounced as “a big lie.” (Mas apesar dos recentes desdobramentos, o sr. da Silva tirou vantagem acusando seu oponente de fazer uma “campanha de uma nota só” que enfoca as alegações de corrupção e não oferece “propostas positivas para o Brasil.” Ele também acusa o sr. Alckmin de planejar privatizar empresas estatais e eliminar programas sociais, pontos que o sr. Alckmin tem repetida e acaloradamente denunciado como “uma grande mentira.” – 22/10/2006).

Brazilian President Luiz Inacio Lula da Silva cautioned in a debate on Sunday that his rival in a runoff election would spend less on social welfare programs and privatize strategic assets but faced criticism for corruption scandal. (O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva advertiu num debate no domingo que seu rival numa eleição de segundo turno gastaria menos em programas sociais e privatizaria recursos estratégicos, mas recebeu críticas por escândalos de corrupção. – 9/10/2006).

Também durante a campanha do primeiro turno, em uma das notícias, o periódico introduz a voz do diretor de um instituto de pesquisa e, na seqüência faz, com ironia, suas ponderações sobre a preferência do eleitorado que não se sensibiliza com as acusações de corrupção feitas por Alckmin ao governo Lula e seu partido, o PT:

“Alckmin’s situation is not good,” said Sensus director Ricardo Guedes. “He has become better known in recent weeks, but that has not translated into votes.” Instead, voters seem comfortable with the slow and steady economic growth that has become a hallmark of Silva’s presidency and have not paid attention to Alckmin’s attacks alleging influence-peddling, bribery and campaign finance violations engineered by high-ranking Workers Party members. (“A situação de Alckmin não é boa,” disse o diretor do Sensus Ricardo Guedes. “Ele se tornou mais conhecido nas últimas semanas, mas isso não se traduziu em votos.” Ao invés disso, os eleitores parecem confortáveis com o lento e constante crescimento econômico que se tornou a marca oficial do governo de Silva e não prestaram atenção aos ataques de Alckmin alegando tráfico de influência, suborno e financiamento ilegal de campanhas, engendrados por membros do alto-escalão do Partido dos Trabalhadores. – 29/8/2006).

Com a utilização da ironia, grifada acima, o *New York Times* se mostra surpreso com o comportamento de grande parte do eleitorado brasileiro que não se afasta de Lula em função dos escândalos de corrupção que atingiram pessoas de seu partido, muito próximas a ele. Na opinião do jornalista, o eleitorado deveria se sentir desconfortável com os fatos ocorridos no governo Lula. “A enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida” (Maingueneau.2001:175).

As acusações de Alckmin destacadas pelo periódico abordam também o fraco crescimento econômico do Brasil e a atribuição da “destruição da indústria” do país a Lula:

He also criticized the economic policies of Silva's administration, saying they were preventing the economy from growing. He said high interest rates, elevated taxes and an overvalued currency were strangling industries that cannot compete in the international market. (Ele também criticou as políticas econômicas da administração de Silva, dizendo que elas estavam impedindo a indústria de crescer. Ele disse que as altas taxas de juros, impostos pesados e uma moeda super valorizada estavam estrangulando as indústrias que não podem competir no mercado internacional. - 24/10/2006).

“Lula is destroying Brazil's industry,” Alckmin said, adding that Brazil's 2.3-percent economic growth was the second slowest in Latin America, trailing only impoverished Haiti's. (“Lula está destruindo a indústria do Brasil,” Alckmin disse, acrescentando que o crescimento econômico de 2,3 % do Brasil era o segundo menor da América Latina, perdendo apenas para o do empobrecido Haiti. - outra material de 24/10/2006).

Ainda bem no início da campanha do primeiro turno das eleições, o *New York Times* traz algumas fontes anônimas (grifadas no início do trecho abaixo) para criticar a atuação de Lula na crise do gás com a Bolívia. Assim colocado, não se tem um quadro real de quem são essas pessoas que estão tecendo comentários, o que permite ao jornal apresentar sua visão sobre o fato. “As notícias são controladas por valores-notícias. [O jornal] não é um veículo neutro, nem as notícias são construídas num processo neutro, apesar da velha crença secular de objetividade do jornalista” (Bell. 1991:212).

Businesspeople, political opponents and large-scale consumers of natural gas in Brazil, which has South America's biggest economy, say Mr. da Silva was caught flat-footed by Bolivia's move and has been unwilling to parry decisively because of political affinity with Mr. Morales. (Homens de negócios, oponentes políticos e consumidores de gás em larga escala no Brasil, que tem a maior economia da América do Sul, dizem que o sr. da Silva foi pego despreparado pela decisão da Bolívia e está relutante em rebater por causa de afinidade política com o sr. Morales. - 4/5/2006).

Outras acusações contra os candidatos ainda dizem respeito à questão da segurança e estas se dirigem principalmente ao candidato Alckmin, uma vez que os ataques do PCC ocorridos em maio de 2006, concentraram-se na cidade de São Paulo, capital do estado governado por Alckmin antes de pleitear a presidência:

The burly former union leader went on the offensive by criticizing Alckmin's failure to crack down on criminal gangs in Sao Paulo, which was rocked by waves of violence after Alckmin stepped down. (O robusto ex-líder sindical continuou sua ofensiva criticando a falha de Alckmin em tomar medidas severas com gangues de criminosos em São Paulo, que foi abalada por ondas de violência depois que Alckmin deixou o cargo. - 9/10/2006).

Voters have latched onto other issues – such as health of South America's largest economy and gang violence that has killed 200 people in Sao Paulo state since May. (Os eleitores agarraram-se a outros pontos – tais como a saúde da maior economia da América do Sul e a violência de gangues que matou 200 pessoas no estado de São Paulo desde maio. - 29/9/2006).

O uso da expressão “robusto ex-líder sindical” (*burly former union leader*), grifada no início do trecho acima, é introduzida na matéria para conferir um tom pejorativo às

acusações de Lula, pois sua aparência física e sua origem como líder sindical não poderiam lhe impedir de fazer críticas a seu opositor. “Pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (Fairclough. 2001:144).

Por outro lado, em uma das matérias, o *New York Times* traz à tona a voz de Alckmin para se contrapor às críticas com respeito à violência em São Paulo, tentando transferir a responsabilidade pela segurança ao presidente da República bem como atribuir os ataques ocorridos a uma orquestração de seu oponente para interferir nas eleições:

“Crime is a national problem, it’s a problem in all of Brazil, it’s a problem of the president of the Republic,” Alckmin said. (O crime é um problema nacional, é um problema em todo o Brasil, é um problema do presidente da República,” Alckmin disse.)...Alckmin echoed that criticism in Monday’s debate, and went so far as to suggest that the PCC attacks were part [sic] a broader campaign aimed at derailing his bid for the presidency.

“What we’re seeing is electoral terrorism,” he said. “They (the PCC) want to influence the elections.” (Alckmin ecoou a crítica no debate de segunda-feira, e foi até o ponto de sugerir que os ataques do PCC eram parte de uma campanha mais ampla objetivando atrapalhar sua corrida para a presidência.

“O que nós estamos vendo é terrorismo eleitoral,” ele disse. “Eles (o PCC) querem influenciar as eleições.” – 15/8/2006).

Divisão de classes

A questão da divisão de classes em função das candidaturas de Lula e Alckmin perpassa inúmeras notícias, especialmente no segundo turno das eleições em que a disputa é apenas entre esses dois candidatos. Essa divisão ora é trazida como uma separação entre as regiões mais ricas e as regiões mais pobres do país, ora entre ricos e pobres, ora entre os mais e os menos escolarizados:

Broken down state by state, those numbers indicate an electorate of 126 million voters sharply divided along class and regional lines. (Computado estado por estado, esses números indicam um eleitorado de 126 milhões de eleitores nitidamente dividido em classes e linhas regionais. – 17/9/2006).

The first-round vote split along geographical lines, with Silva winning solidly across Brazil’s poor north and northeast while Alckmin took the industrialized south, including Sao Paulo, the state he served as governor. (A votação em primeiro turno dividiu por linhas geográficas, com Silva vencendo maciçamente nas regiões pobres do norte e nordeste do Brasil enquanto Alckmin levou o sul industrializado, incluindo São Paulo, o estado que ele governou. – 18/10/2006).

Mr. da Silva has consistently portrayed his opponent as a member of what he calls “the elite that has ruled this country for 400 years.” Mr. Alckmin has sought to counter that image by stressing his own modest origins as the child of a government worker and his years of service to the poor as a doctor at a public hospital. (O sr. da Silva tem insistentemente apresentado o seu oponente como um membro do que ele chama de “a elite que governou este país por 400 anos.” O sr. Alckmin tem procurado contra-atacar essa imagem destacando sua própria origem modesta como

filho de um funcionário público e seus anos de serviço aos pobres como médico em um hospital público. – 22/10/2006).

But the leftist president had the firm support from Brazil's tens of millions of poor voters, who have benefited handsomely over the past three years as Silva increased social spending without raising taxes. (Mas o presidente esquerdista tem o apoio firme de dezenas de milhões de eleitores pobres no Brasil, que têm se beneficiado consideravelmente nos últimos três anos à medida que Silva aumentou os gastos sociais sem subir impostos. – 29/10/2006).

Alckmin is supported mainly by rich and better-educated voters. (Alckmin é apoiado principalmente pelos eleitores ricos e mais escolarizados. – outra matéria de 29/10/2006).

Assim, os sentidos construídos mostram que os pobres estavam com Lula e os ricos, ou a elite do país, estavam do lado de Alckmin. No caso do candidato presidente, o jornal insere, em um dos trechos acima, uma justificativa para o apoio que recebe dos pobres: os programas sociais que beneficiaram milhões de eleitores economicamente desfavorecidos.

Escândalos de corrupção

Nessa temática o confronto entre os dois candidatos é retratado pelo *New York Times*, na maioria das vezes, numa perspectiva desfavorável a Lula, uma vez que ele é bastante criticado por Alckmin em função dos escândalos de corrupção apontados em seu partido ou governo (Dota. 2007a). A insistência do jornal nos escândalos de corrupção vem ao encontro dos Estudos do Jornalismo que apontam o escândalo como um critério de seleção das notícias (Sousa. 2006:121).

Ao lado das acusações de corrupção apontadas no item “acusações”, observa-se que mesmo antes de o presidente Lula lançar sua candidatura para um segundo mandato, à época do escândalo com seu então Ministro da Fazenda Antonio Palocci, o periódico já antevê “prejuízo para seu partido”, a ser explorado pela oposição na campanha:

With Mr. da Silva expected to announce a run for a second term soon, a trial promised to be damaging to this party, especially if, as apparently was the opposition's intention, it dragged into the campaign season. (Com a expectativa de que o sr. da Silva anuncie sua candidatura para um segundo mandato logo, um julgamento prometeu ser prejudicial para seu partido, especialmente se, como era aparentemente a intenção da oposição, ele se arrastasse para o período de campanha. – 28/3/2006).

Nesse sentido, o jornal focaliza as críticas de Alckmin explorando tanto os escândalos de corrupção como o baixo crescimento econômico, em sua campanha contra Luiz Inácio Lula da Silva:

Alckmin has roundly criticized Silva for a corruption scandal last year that resulted in a wave of resignations from his inner circle, and the government's policy of maintaining sky-high interest rates to control inflation that has been blamed for hindering growth. (Alckmin tem categoricamente criticado Silva por um escândalo de corrupção no ano passado que resultou numa onda de renúncias no círculo próximo ao presidente, e a política de manter juros estratosféricos para controlar a inflação, o que tem sido apontado como responsável por impedir o crescimento. – 29/8/2006).

Para destacar a questão do escândalo do dossiê, o periódico mostra-o como prejudicial a Lula e dá voz a Alckmin para qualificá-lo como “um dos maiores escândalos na história do país”. Dessa forma, o jornal usa a própria estratégia do candidato Alckmin, ou seja, dá destaque ao dossiê como um escândalo desfavorável a Lula, sem questionar se as acusações trazidas pelo dossiê, que envolviam o PSDB, eram procedentes ou não:

His main rival Geraldo Alckmin of the centrist Brazilian Democracy Party (PSDB), highlighted the sleaze issue in new television spots showing police leading away PT functionaries, calling the latest shenanigans “one of the biggest scandals in the history of the country.” (Seu rival principal Geraldo Alckmin, do centrista PSDB, deu destaque ao assunto vulgar em novas inserções na TV, mostrando a polícia levando funcionários do PT, chamando a última besteira de “um dos maiores escândalos da história do país.” – 24/9/2006).

Na maioria das vezes em que a temática da corrupção é trazida à tona, o direcionamento das matérias confronta os candidatos com prejuízo para Lula, conforme se exemplifica no trecho abaixo, em que Alckmin se coloca como partidário da ética em oposição à corrupção que estaria do lado de Lula:

Silva's main challenger, Geraldo Alckmin, promised “ethics will defeat corruption” when he voted Sunday in the upscale Morumbi district. (O principal adversário de Silva, Geraldo Alckmin, prometeu que “a ética vencerá a corrupção” quando ele votou no domingo no bairro de classe alta do Morumbi. – 1/10/2006).

A ligação de Alckmin a escândalos de corrupção, também mencionada pelo jornal, é minimamente explorada, conforme trecho abaixo. Sobre a insistência do *New York Times* nos escândalos ligados a Lula, concordamos com Fairclough quando diz que “a única maneira de se ter acesso à verdade é através das representações dela, e todas as representações envolvem determinados pontos de vista, valores e objetivos” (Fairclough. 1995:46-47), o que implica escolhas por parte do jornalista/jornal.

But Alckmin also may be vulnerable to scandal. He quashed 16 ethics investigations in the Sao Paulo state assembly, and his wife was accused of accepting 400 free dresses from a luxury boutique. (Mas Alckmin também pode ser vulnerável a escândalos. Ele engavetou 16 investigações de ética na assembleia do estado de São Paulo, e sua esposa foi acusada de aceitar 400 vestidos de presente de uma boutique de luxo. – 2/10/2006).

Com relação à corrupção, o *New York Times* também mostra o confronto interposto por Lula, uma vez que este atribui as acusações de seu oponente a uma tática de campanha para prejudicá-lo. Quando o jornal menciona que tal estratégia é um hábito freqüente do candidato presidente, em meio a um contexto que enfoca escândalos ligados a Lula, enfraquece, para seus leitores, a figura de Luiz Inácio Lula da Silva:

As has been his habit whenever corruption laps at his door, Mr. da Silva has suggested that the opposition is plotting to undermine him. (Como tem sido seu hábito toda vez que a corrupção bate à sua porta, o sr. da Silva tem sugerido que a oposição está tramando para destruí-lo. – 22/9/2006).

Ainda na temática da corrupção, o jornal dá ênfase para uma estratégia de Lula, ou seja, ao invés de negar os escândalos de corrupção levantados, na tentativa de obter dividendos dessa problemática, ele se mostra como o presidente que não ocultou as alegações de corrupção e permitiu que estas fossem investigadas:

In Sunday's debate, Lula said that unlike previous government his did not sweep corruption under the carpet but investigated it. (No debate de domingo, Lula disse que ao contrário do governo anterior ele não varreu a corrupção para debaixo do tapete, mas investigou-a. – 9/10/2006).

Por outro lado, no lide de uma das matérias acima citadas, ainda no primeiro turno, o *New York Times* aponta Lula como um candidato forte para vencer seu oponente nas eleições de outubro de 2006:

An energized President Luiz Inacio Silva on Tuesday promised renewed economic growth for the masses of poor in Latin America's largest nation, mapping out a blueprint for his second term amid strong signs he could soundly defeat his main opponent in October elections. (Um energizado presidente Luiz Inácio Silva prometeu na terça-feira crescimento econômico renovado para as massas de pobres na maior nação da América Latina, delineando um plano para seu segundo mandato em meio a fortes sinais de que ele poderia com certeza vencer seu principal oponente nas eleições de outubro. – 29/8/2006).

Imediatamente após a votação em primeiro turno, o periódico enfatiza, no lide de uma das matérias publicadas, que os escândalos de corrupção impediram que Luiz Inácio Lula da Silva vencesse no primeiro turno. Com essa informação colocada em posição estratégica na notícia, tem-se a impressão de um candidato que vai para o segundo turno enfraquecido pelos escândalos, o que pode favorecer seu opositor:

Former Sao Paulo Gov. Geraldo Alckmin forced a presidential runoff election by capitalizing on Brazilians' anger over scandals that reached ever-closer to President Luiz Inacio Lula da Silva. (O ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin forçou uma eleição presidencial em segundo turno capitalizando a raiva dos brasileiros com escândalos que chegaram cada vez mais perto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. – 2/10/2006).

Nessa direção desfavorável para Lula, o *New York Times* aponta dificuldades que este candidato poderá encontrar no decorrer da campanha do segundo turno, com espaço para o avanço da oposição:

Another month of campaigning will give the opposition time to rally support and potentially dig up more evidence of shady campaign tactics that have hurt the ruling Workers' Party. (Mais um mês de campanha dará à oposição tempo para angariar apoio e potencialmente desenterrar mais evidência de táticas sujas de campanha que mancharam o partido do governo, o Partido dos Trabalhadores. - 2/10/2006).

Em uma das notícias, inclusive, o então correspondente do *New York Times* no Brasil, Larry Rohter, explicita sua opinião sobre a campanha, classificando-a como a mais perigosa da vida política de Lula, o que na realidade não ocorreu, pois na campanha do segundo turno ele se manteve sempre à frente de Alckmin, inclusive com aumento significativo dos índices de preferência do eleitorado durante o período. Tal procedimento deixa entrever a ação pessoal de quem produz a notícia, “embora temperada por outras forças conformadoras” (Sousa. 2003:52).

He was wrong, and now faces what promises to be the most draining, potentially dangerous campaign of his long career, against an opponent he and many others had discounted. (Ele [Lula] estava errado, e agora enfrenta o que promete ser a mais desgastante e potencialmente a mais perigosa campanha de sua longa carreira, contra um oponente a que ele e muitos outros tinham dado pouca importância. - 3/10/2006).

Após a votação em segundo turno e com o resultado praticamente definido, o jornal faz uma análise dos dois candidatos, mostrando que apesar dos escândalos e das acusações de Alckmin, este, com “seu estilo de campanha morno e com sua imagem robótica, não conseguiu atrair os votos dos eleitores da classe trabalhadora, num país com uma das maiores diferenças entre ricos e pobres”: *Alckmin hit the corruption allegations hard, but the scandals never touched Silva personally and his tepid campaign style and robotic image failed to win over working-class voters in this country with one of the widest gaps between rich and poor. – 29/10/2006.*

Dessa forma, o *New York Times* atribui a derrota de Alckmin tanto ao seu estilo pessoal e de campanha quanto ao fato de uma enorme massa de pobres do Brasil terem preferido Lula, que, conforme outros trechos acima demonstram, usou seus programas sociais para tirar milhões de brasileiros da pobreza.

Debates

A cobertura que o *New York Times* faz dos debates mostra Luiz Inácio Lula da Silva pressionado pelos outros candidatos. No presente trabalho, busca-se discutir apenas o confronto entre Lula e Alckmin propiciado pelo periódico.

Embora Lula não tenha comparecido a debates durante a campanha do primeiro turno, o *New York Times* aponta situações em que os candidatos presentes confrontaram-lhe de alguma forma, acusando-o, principalmente, de ter fugido a um desafio. Atente-se para o confronto provocado por Alckmin, o que se atém ao objeto deste estudo, e, mais abaixo, para o confronto com os candidatos como um todo:

Lula's closest rival in the race, Geraldo Alckmin of the centrist Brazilian Social Democratic Party, kicked off the event by suggesting that the president was disrespectful to voters by refusing to openly debate crucial issues such as crime and economic growth. (O rival mais próximo de Lula na corrida, Geraldo Alckmin do centrista PSDB, deu início ao evento sugerindo que o presidente foi desrespeitoso com os eleitores ao se recusar a debater abertamente assuntos cruciais tais como crime e crescimento econômico. – 15/8/2006).

On Thursday, Silva left an empty chair to represent him at the final candidates' debate. His absence made for a one-sided debate, with rival candidates all choosing to attack the president over the corruption charges dogging his administration and little discussion of issues. (Na quinta-feira, Silva deixou uma cadeira vazia para representá-lo no debate final dos candidatos. Sua ausência proporcionou um debate de um lado só, com todos os candidatos rivais preferindo atacar o presidente por acusações de corrupção perseguindo sua administração e pouca discussão sobre as questões. – 29/9/2006).

A personificação utilizada pelo jornal acima – “uma cadeira vazia para representá-lo” – ajuda a compor um cenário de descaso para o candidato presidente, provocado, originalmente, pela recusa de Lula em comparecer aos debates durante a campanha do primeiro turno e alimentado pela relevância dada pelo periódico ao fato, na cobertura dos ataques dos demais candidatos.

Fazendo alusão a outro debate já no segundo turno, o *New York Times* dá destaque para as acusações de Alckmin no lide de uma notícia. Nesse sentido, coloca em evidência as alegações de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores e, conseqüentemente, próximas a Lula:

Challenger Geraldo Alckmin used a televised debate Thursday to criticize President Luiz Inacio Lula da Silva over corruption allegations. (O adversário Geraldo Alckmin usou um debate televisionado na quinta-feira para criticar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva por alegações de corrupção. – 20/10/2006).

Em outro trecho dessa mesma matéria em que Lula é questionado por seu principal opositor, o *New York Times* dá visibilidade para um momento em que Alckmin, gritando, questiona o presidente sobre a origem do dinheiro encontrado no escândalo do dossiê: *“Where did that money came [sic] from? Tell the Brazilian people!”* Alckmin shouted at Silva in one of several televised debates.

Nessa direção, em outra notícia, o jornal aponta uma mudança de humor de Alckmin – apresentando-se num debate de forma agressiva -, considerando-se que ele é normalmente visto como moderado e um tanto tímido. Tal caracterização como mal-humorado é inserida de forma a valorizá-lo em diversas acusações que faz a Lula, às quais o presidente responde na qualidade de vítima:

In recent debates between the candidates, though, Mr. Alckmin has showed an unexpected feistiness.

In response, Mr. da Silva has played the class card, adopting what Ms. Hipólito called “a very effective strategy of victimization.” (Nos debates recentes entre os candidates, entretanto, o sr. Alckmin tem mostrado um inesperado mal-humor. Em resposta, o sr. da Silva tem feito a lição de casa, adotando o que a sra. Hipólito chamou de “uma estratégia muito eficiente de se fazer de vítima.” – 22/10/2006).

Ainda com relação a outro debate, o *New York Times* dá destaque para as acusações que Alckmin faz a Lula, tanto no lide de uma das notícias, como no trecho que o segue, transcrito abaixo:

In the last of four debates before Sunday’s runoff, the former governor of Sao Paulo state hammered away Friday at the corruption allegations dogging Silva’s leftist Workers Party in what was seen as a last chance to reverse the president’s wide lead in the polls. (No último dos quatro debates antes do segundo turno no domingo, o ex-governador do estado de São Paulo martelou, na sexta-feira, as alegações de corrupção perseguindo o esquerdista Partido dos Trabalhadores de Silva, no que era visto como a última chance de reverter a larga vantagem do presidente nas pesquisas. – 28/10/2006).

Pesquisas

Vale observar que o periódico deu grande visibilidade para o confronto de números, isto é, o resultado das pesquisas de opinião, durante as campanhas do primeiro e segundo turnos. Num primeiro momento do primeiro turno, a vantagem de Lula nas pesquisas é apontada num contexto, até certo ponto, favorável ao candidato presidente - aquele que adotou medidas conservadoras rumo ao lento e contínuo crescimento. Os números divulgados pelo jornal colocam Lula bem à frente de seu adversário:

Polls suggest Silva is in striking distance of the 50 percent of the vote needed for victory in the election’s first round on Oct. 1. If no candidate gets half the vote, the

top two go to an Oct. 29 runoff. His top challenger, former Sao Paulo state Gov. Geraldo Alckmin, of the centrist Social Democratic Party, had 18 percent in one recent poll. (As pesquisas sugerem que Silva está numa surpreendente distância dos 50% dos votos que precisa para a vitória no primeiro turno da eleição em 1º. de outubro. Se nenhum candidato obtiver a metade dos votos, os dois primeiros colocados vão para o segundo turno em 29 de outubro. Seu principal adversário, o ex-governador do estado de São Paulo Geraldo Alckmin, do centrista PSDB, tinha 18% em uma pesquisa recente. – 24/6/2006).

A vantagem de Lula se mantém no decorrer do primeiro e segundo turnos, conforme exemplificam os números trazidos pelo *New York Times* no mês de agosto:

The survey by polling firm Sensus, commissioned by Brazil's National Transportation Confederation, showed Lula with 47.9 percent in the first round against 19.7 percent for opposition candidate Geraldo Alckmin, who unexpectedly sank in the poll. (Uma pesquisa do instituto de opinião Sensus, encomendada pela Confederação Nacional dos Transportes do Brasil, mostrou Lula com 47,9% no primeiro turno contra 19,7% para o candidato da oposição Geraldo Alckmin, que inesperadamente afundou na pesquisa. – 8/8/2006).

Nessa matéria, o contexto aponta que o candidato Lula conseguiu se recuperar de um escândalo envolvendo seu Partido dos Trabalhadores, “em parte por causa do aumento real dos salários, um crescente programa social, bem como por seu apelo carismático.” (*Lula recovered from a corruption scandal involving his Workers' Party last year in part because of rising real wages, a growing social welfare program, as well as his charismatic appeal.*)

Uma outra notícia que aborda as pesquisas de opinião mostra também a vantagem de Lula e situa-a em meio a um eleitorado dividido por regiões e entre ricos e pobres, conforme se discutiu no item “divisão de classes”, tratado acima. Confira o confronto dos números no trecho abaixo:

Recent polls show Mr. da Silva hovering around the 50 percent of the vote he would need to avoid an Oct. 15 runoff. His closest challenger, Geraldo Alckmin of the Brazilian Social Democratic Party, trails far behind, with just less than 30 percent of voters questioned saying they will vote for him. (As pesquisas recentes mostram o sr. da Silva rondando por volta dos 50% dos votos que ele precisaria para evitar um segundo turno em 15 [sic] de outubro. Seu oponente mais próximo, Geraldo Alckmin do PSDB, vem bem atrás dele, com apenas menos de 30% dos eleitores questionados dizendo que votarão para ele. – 17/9/2006).

Ainda no primeiro turno, a vantagem de Lula nas pesquisas é apontada em meio a um escândalo de corrupção que envolveu o partido do presidente: *Silva's strong showing in the poll released Tuesday comes amid a political scandal that has shaken his center-left Workers Party with the allegations that it sought to purchase a dossier that apparently contained damaging information about a key opponent. (O bom desempenho de Silva*

na pesquisa divulgada na terça-feira vem em meio a um escândalo político que sacudiu seu Partido dos Trabalhadores de centro-esquerda, com alegações de que este procurou comprar um dossiê que aparentemente continha informações prejudiciais para um oponente chave. – 27/9/2006).

Logo após o primeiro turno, o *New York Times* chama a atenção para o bom desempenho de Alckmin nessa votação – bem próximo ao de Lula, se se considerar a posição de seu oponente nas pesquisas duas semanas antes da votação:

“We will conquer Brazil’s confidence step by step, degree by degree. That’s how we reached the second round against an out-of-control government machine,” said Alckmin, who received 41.6 percent of the vote in Sunday’s election to 48.6 percent for Silva. Two weeks earlier, polls showed Alckmin with 30 percent. (“Nós conquistaremos a confiança do Brasil passo a passo, degrau por degrau. É assim que nós chegamos ao segundo turno contra uma máquina governamental fora-de-controle,” disse Alckmin, que recebeu 41,6% dos votos na eleição de domingo contra 48,6% para Silva. Duas semanas atrás, as pesquisas mostravam Alckmin com 30%. – 2/10/2006).

Também na campanha do segundo turno, o periódico mostra Lula à frente das pesquisas, porém num contexto em que o eleitorado está dividido por classes sociais:

Silva leads Alckmin by about 56 percent to 44 percent of the valid vote, according to recent polls, but leads 59-34 percent among the nation’s poor, according to the Datafolha polling organization (Silva está à frente de Alckmin por cerca de 56% a 44% dos votos válidos, de acordo com pesquisas recentes, mas lidera por 59 a 34 dentre os mais pobres da nação, de acordo com o instituto de pesquisa Datafolha. – 18/10/2006).

Em contextos desfavoráveis a Lula, em que o *New York Times* mostra o descontentamento do MST com o presidente – seu histórico aliado -, ou as alegações de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores, aponta-se que Lula é o favorito e vem ganhando pontos desde o primeiro turno:

However, he has gained ground since, and a Sensus Institute poll released Thursday showed Silva with a 63 percent to 38 percent head over Alckmin. (Entretanto, ele ganhou terreno desde então [o primeiro turno], e uma pesquisa do Instituto Sensus, publicada na quinta-feira, mostrou Silva com a liderança de 63% contra 37% de Alckmin. – 26/10/2006).

But the latest opinion polls show Silva’s lead strengthening. A Vox Populi poll showed Silva with 61 percent of the vote, and Alckmin with 39 percent. (Mas [apesar do escândalo] as últimas pesquisas de opinião mostram a liderança de Silva se fortalecendo. Uma pesquisa da Vox Populi mostrou Silva com 61% dos votos, e Alckmin com 39%. – 28/10/2006).

Considerações finais

Retomando as temáticas exploradas pelo *New York Times* para fazer o contraponto entre os candidatos Lula e Alckmin, na campanha eleitoral de 2006, verifica-se que essa oposição, na maioria dos casos, desfavorece o candidato presidente.

No tocante às posições políticas dos presidencialistas, o confronto é pequeno. Ambos são apresentados como centristas (Lula, às vezes, como de centro-esquerda), com idéias, plataformas e campanhas semelhantes até na constituição de incoerentes alianças.

Seus estilos, na representação do jornal, são diametralmente opostos: Lula é carismático, incendiário e faz uso de metáforas ligadas ao futebol; Alckmin é engomado, calmo, e não atraente para cativar o eleitorado.

Com relação ao confronto resultante das acusações, principalmente entre os dois candidatos, Alckmin acusa Lula de estar enredado em corrupção e esse aspecto é bastante destacado pelo periódico. Também critica o baixo crescimento econômico do país durante o governo Lula. Já Lula acusa Alckmin de fazer uma campanha de apenas um ponto – o ataque à corrupção em seu governo; critica a falta de segurança no estado de São Paulo e acusa Alckmin de ter intenção de privatizar estatais estratégicas e acabar com programas sociais.

O contraponto é também estabelecido pelo *New York Times* pelo enfoque em uma divisão de classes provocada pelas duas candidaturas: de um lado Lula com os mais pobres, os menos escolarizados e as regiões mais pobres; de outro, Alckmin com os mais ricos, mais escolarizados e as regiões mais ricas e industrializadas.

No tocante aos escândalos de corrupção, a cobertura do jornal dá ênfase para aqueles que ocorreram em torno de Luiz Inácio Lula da Silva, construindo uma situação desfavorável para o candidato presidente e enfatizando dificuldades para sua campanha. A ligação de Alckmin com os escândalos é minimizada, inclusive o periódico não entra no mérito do escândalo do dossiê, que supostamente traria informações sobre corrupção envolvendo o partido do oponente de Lula – o PSDB.

Na temática dos debates, o enfoque dado nas matérias publicadas durante a campanha do primeiro turno aborda a ausência de Lula nesses eventos e, pela crítica dos outros candidatos, sua fuga de problemas cruciais do país. No segundo turno, o *New York Times* dá espaço para as acusações relacionadas à corrupção, de Alckmin contra Lula, mostrando como positivo um Alckmin mais agressivo em suas investidas contra o candidato presidente.

Com relação às pesquisas de opinião, o jornal dá ampla visibilidade aos números trazidos por elas, apontando sempre que Lula está à frente apesar da corrupção. A vantagem de Lula é também apresentada em meio à divisão de classes provocada pelas duas candidaturas. Após a votação em primeiro turno, o periódico apresenta números dando ênfase ao bom desempenho de Alckmin nessa votação.

Assim, na linha de Sousa (2004:204), para quem “os enquadramentos contribuem para a construção de significados para os acontecimentos”, verifica-se que a maioria das temáticas, utilizadas pelo *New York Times* para construir o contraponto entre os dois candidatos, enfatiza negativamente aspectos relacionados a Lula e não dá a mesma visibilidade para pontos que poderiam ser desfavoráveis para Alckmin.

Referências

- Dota, M. I. M. (2007a). Candidatos à presidência do Brasil na visão do *New York Times*: o primeiro turno das eleições. *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos, SP: Intercom (CD-ROM).
- Dota, M. I. M. (2007b). Perfis dos candidatos à presidência do Brasil na visão do *New York Times*. *Caderno de resumos da IX Jornada Multidisciplinar*. Bauru, SP: Canal 6, p. 95.
- Bell, A. (1991). *The Language of news media*. Oxford: Blackwell.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto.
- Fairclough, N. (1995). *Media discourse*. London: Edward Arnold.
- (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Fowler, R. (1991). *Language in the news: discourse and ideology in the press*. London: Routledge.
- Maingueneau, D. (2001). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez Editora.

Sousa, J. P. (2003). *As notícias e seus efeitos*. Acesso em 10 de outubro de 2003, de <http://www.bocc.ubi.pt>

----- (2004). *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

----- (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil. Membro da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Publicações recentes: Aspectos políticos do Brasil no discurso do New York Times. *Ícone*, Recife, v. 1, n. 8, 2005, p. 42-55. A imagem do Brasil no discurso do New York Times: aspectos econômicos. In: CARDOSO, Clodoaldo M. (org.). *Humanidade em Comunicação*. Cultura Acadêmica Editora, São Paulo, 2005. p. 183-194. Leitura crítica de textos da mídia em língua inglesa. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, n. 35, 2006. In: <http://www.gel.org.br>. Modalidade: um instrumento para análise e leitura de textos da mídia. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 85-92, 2007. In: <http://www.gel.org.br>. E-mail: midota@uol.com.br.